

## COVID-19 15 PERGUNTAS

**Pandemia** O nosso dia a dia mudou muito. E poderá nunca mais ser igual. Do emprego à forma como socializamos, passando pela nossa relação com a Natureza. Especialistas apontam pistas para o que aí vem

### E depois, o que vai mudar no mundo?

29.03.2020 às 8h47



**TEXTOS ANA FRANÇA, BERNARDO MENDONÇA, CARLA TOMÁS, CÁTIA MATEUS, ISABEL LEIRIA, JOANA ASCENSÃO, JOÃO MIGUEL SALVADOR, LÍDIA PARALTA GOMES, MARIA JOÃO BOURBON, MICAEL PEREIRA, MIGUEL SANTOS CARRAPATOSO, RAQUEL ALBUQUERQUE, RAQUEL MOLEIRO ILUSTRAÇÃO PAULO BUCHINHO**

#### **1 Vamos continuar a socializar à distância?**

Qualquer compressão social e individual estendida no tempo cria no ser humano um inevitável desejo de liberdade e de libertação. Na opinião do psicólogo e terapeuta familiar Manuel Lemos Peixoto, depois da pandemia e das ordens de distanciamento social, surgirá

na maior parte das pessoas a vontade de proximidade dos outros. Ultrapassado o receio da doença e da morte, irá pulsar o desejo da vida, do prazer e de alguns excessos. O terapeuta recorda o que a História ensina, tal como aconteceu na I e II Guerra Mundial, e aposta que depois de superado este problema, as populações vão encontrar-se mais, brindar mais, abraçar-se mais, beijar-se mais e praticar mais sexo. Os cumprimentos sociais com os cotovelos e pés não vieram para ficar, apesar de passar a haver mais consciência da higiene e receio de novos contágios. Por outro lado, Manuel Lemos Peixoto considera que depois desta intensa experiência digital de socialização à distância com os outros, surgirá um aumento das patologias nas relações sociais. Já que irá acentuar e extremar nalgumas pessoas mais obsessivas, fóbicas, solitárias, viciadas nas aplicações, uma maior tendência para o isolamento, para socializarem apenas e só através das redes e saírem menos à rua, do que faziam antes. **B.M.**

## 2 Daremos mais atenção à nossa saúde?

Vamos aprender “às nossas custas”, mas seremos “pessoas diferentes”. Esta é a convicção de José Gomes Pereira, diretor de medicina desportiva do Comité Olímpico de Portugal, que acredita que há pelo menos uma mensagem que todos já retiveram com esta pandemia: “A medicina é exercida por médicos, a enfermagem por enfermeiros e a saúde é de todos nós.” Por isso, “todos têm de ser agentes da sua promoção e conhecer os procedimentos que devem adotar para melhorar a sua qualidade de vida”. O também professor na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa lembra que o aumento da longevidade teve que ver com a evolução da medicina, “mas sobretudo com a educação para a saúde” e que é provável que o novo coronavírus “possa vir a ser um gatilho para as pessoas perceberem o quão vulneráveis são”. E essa vulnerabilidade será reduzida se diminuirmos os comportamentos de risco. “Esta pandemia veio criar uma consciencialização sobre a nossa fragilidade. Quando ultrapassarmos esta fase vamos encarar a saúde e este fenómeno que é mantermo-nos vivos e saudáveis de forma diferente”, diz o clínico, lembrando a importância “da alimentação, da qualidade do sono, exercício físico e de não fumar” como vetores para uma maior resistência à doença. **L.P.G.**

## 3 O ensino vai ser muito mais digital?

Depois de semanas, talvez meses, a estudar em casa em frente a um computador, a um tablet ou telemóvel, os alunos voltarão a sentar-se na sala de aula de manual, caderno e caneta à frente, ouvindo o professor a dar a matéria? E os docentes que experimentaram novas ferramentas de partilha, atribuição de trabalhos, muitos deles diferentes do tipo de exercícios que estavam habituados a pedir, ficarão rendidos às possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias? “Quem se habitua a trabalhar com determinadas ferramentas, dificilmente volta atrás”, assegura Vítor Bastos, um professor de Geografia que, após o fecho das escolas, decidiu criar no Facebook uma plataforma de apoio em e-learning. Estava à espera de 100 ou 200 registos, em poucos dias juntaram-se 20 mil professores. “Esta crise vai alterar o paradigma do ensino. Logo à partida, vai recuar aquela corrente que estava a ganhar adeptos no sentido de afastar os telemóveis da escola. As pessoas percebem que têm nesse e noutros dispositivos uma ferramenta que pode auxiliar a aprendizagem e ser até um fator de motivação para alguns alunos”. Em tempo algum o

ensino à distância substituirá a ida à escola. Mas as suas estratégias e tecnologias vão entrar cada vez mais na sala de aula. **I.L.**

#### 4 Haverá uma maior valorização da ciência?

Mais do que nunca, esta pandemia tornou evidente a importância de ouvir os peritos, havendo um “retomar da confiança” nos especialistas e na evidência científica. “Os movimentos antivacinas ou em prol de terapias alternativas saem muito prejudicados disto. Em tempos de crise, as pessoas voltam-se para os especialistas, para a ciência, que oferece mais garantias que outros sistemas de conhecimento”, afirma Ana Delicado, socióloga do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa. “Se calhar, há três meses, poucas pessoas saberiam o que é um epidemiologista ou virologista”, diz. Agora, estes especialistas tornaram-se figuras centrais. A imagem das profissões ligadas à ciência e à saúde até é bastante positiva em Portugal, mas deverá sair “reforçada” desta crise. Contudo, defende a socióloga, não deverá haver um aumento da procura de formação nestas áreas, como aconteceu com as ciências forenses devido ao sucesso de séries televisivas de investigação criminal. “Bastantes alunos formados em medicina já enveredam por carreiras de investigação.

E se há área científica que tem instituições de topo em Portugal é a das ciências da vida e da saúde.” **R.A.**

#### 5 Voltaremos a trabalhar da mesma forma?

Há um pré e um pós-covid no que diz respeito à forma como trabalhamos. A pandemia colocou Portugal em teletrabalho à força. No país, que foi dos primeiros da Europa a introduzir (em 2003) o regime de trabalho remoto na sua legislação laboral, a percentagem de trabalhadores por conta de outrem em regime de teletrabalho permanecia residual (0,02%). Os especialistas admitem que pode ser o princípio de uma nova era, mas dividem-se em relação aos seus impactos futuros. Miguel Pina e Cunha, docente e especialista em Liderança da Nova School of Business and Economics (Nova SBE) admite que “esta é uma oportunidade de ouro para repensar a forma como trabalhamos”. Mas quando a pergunta é “vamos todos querer ser trabalhadores remotos no futuro?”, tem dúvidas. “Aquilo em que acredito é que isto nos vai ajudar a perceber que poderemos sê-lo, quando e se necessário”. E isso, garante, já é um “passo de gigante” na cultura empresarial nacional. Mas o regime de teletrabalho forçado que nos foi imposto tem um revés. Gonçalo Hall, consultor e fundador do Remote Work Movement (movimento para o trabalho remoto), admite que pode levar os trabalhadores e as empresas a não querer repetir a experiência no futuro. **C.M.**

#### 6 Surgirão novos tipos de proteção social?

A crise atual e a que resultou da recessão económica de 2008 têm componentes distintas e impõem respostas diferenciadas. Mas podem equiparar-se no desemprego, que deverá ultrapassar os 10% rapidamente, admite o economista João Cerejeira. “A crise atual atinge a oferta e a procura, que contraíram de forma repentina”, explica, reforçando que, apesar disso, o país não perdeu a sua estrutura produtiva. A evolução do desemprego dependerá

da capacidade de assegurar que “empresas e trabalhadores resistem para voltarem a produzir assim que a pandemia se dissipe”. Ou seja, depende das medidas de preservação do emprego e da subsistência das famílias. Medidas que podem ir além das habitualmente adotadas pelos Estados e implicar a criação de um Rendimento Básico Incondicional de crise. Um rendimento temporário pago pelo Estado aos trabalhadores afetados pela pandemia, sem contrapartidas. O modelo tem sido apontado por economistas e políticos de todo o mundo como uma “resposta desburocratizada” à proteção social que hoje se impõe. Mas tem riscos e o seu impacto na descida do desemprego é questionável, já que pode desincentivar a procura de trabalho. **C.M.**

## 7 Vamos ser menos individualistas e mais solidários?

Num período em que se pede às pessoas que se isolem, os portugueses mostram que mesmo com os movimentos limitados podem ainda assim ajudar, do vizinho de cima ao hospital. De todos os lados, surgem máscaras e ventiladores, camas, alimentos e empregos. Mas será que este ímpeto solidário vai perdurar? Isabel Jonet, presidente da Federação dos Bancos Alimentares, acredita que sim. “Obrigadas a parar, muitas pessoas mudaram o olhar. Confrontadas com uma doença que, de forma brutal e inesperada, as obrigou a viver de forma diferente, com casos reais que podem ser o seu ou de familiares, espectadores do esforço de pessoas que não desistem de cuidar para salvar, olham para os outros reencontrando uma humanidade que, por vezes, haviam perdido. O próprio isolamento em casa obriga-nos a ter um olhar diferente sobre o nosso prédio, o nosso bairro, a nossa comunidade. Noutro plano, várias respostas sociais passaram a partilhar recursos, otimizando canais de apoio e tornando-se redes reais, assentes numa partilha que aproxima e integra pessoas que não sabiam onde se dirigir para intervir. Esta situação permitirá reencontrar o verdadeiro sentido da palavra cidadania”. **R.M.**

## 8 A nossa relação com a natureza e a nossa consciência ecológica vão mudar?

A crise de saúde pública, social e económica criada pela pandemia da covid-19 deveria “abrir-nos a janela de tarefas tão urgentes como titânicas, que não podem passar pelo retomar da ‘normalidade’, fazendo o mesmo que antes e da mesma maneira”, avisa Víriato Soromenho Marques. O filósofo e ambientalista lembra que “estamos entre a crise e o colapso”, já que, pela frente, temos “o maior desafio existencial que a Humanidade criou para si própria” — as alterações climáticas e as suas consequências. Por isso, alerta para a necessidade de a Humanidade “sair da distopia da dominação” e “reassumir com humildade o seu lugar na Natureza”, numa espécie de ‘conversão ecológica’. 2020 é o ano chave para se acelerar o combate à crise climática, que pode provocar milhões de refugiados ambientais e agravar o risco de guerras pela água e pelo solo arável. As organizações ambientalistas esperam que o Pacto Ecológico Europeu não seja posto de lado, nem as regulamentações ambientais, e que os planos de resgate económico desta crise sejam “verdes” e apostem numa transição justa que permita reduzir as emissões de gases de efeito de estufa. **C.T.**

## 9 Vamos dar novos usos aos recursos digitais?

“Muitas pessoas ultrapassaram rapidamente a resistência que tinham aos meios digitais e estão a aderir muito bem às várias formas de comunicar à distância”, começa por analisar Dora Santos Silva, professora na Universidade Nova de Lisboa, com doutoramento em Digital Media. “Além disso, fomos também obrigados a fazer mais operações online.” Os portugueses estão a perceber que tratar de assuntos no banco ou pedir uma receita médica online é mais fácil do que julgavam e essa experiência positiva pode levar a uma mudança da perceção em relação a outros serviços, em áreas tão diferentes como o consumo, a informação ou a cultura. E isso pode ser uma oportunidade. Se agora todos veem concertos, visitam museus, fazem ginástica e assistem a workshops à distância, “quem trabalha nestas áreas terá a possibilidade de se reinventar” — embora alguns estejam entre os mais atingidos pela crise, por dependerem de um público. Num futuro próximo, a docente espera que as pessoas olhem para a cultura e percebam que “o digital acrescenta valor à experiência estética física”. As duas serão complementares. **J.M.S.**

### **10 O consumo de informação vai aumentar?**

É certo que há um aumento de confiança nos media, com maiores audiências e mais assinaturas. Mas esta vem de uma necessidade num contexto vital e em que os rumores abundam, diz o investigador do ISCTE Gustavo Cardoso. “Com pontos de venda fechados e pouca penetração das assinaturas online, também há desafios. Alguns órgãos de comunicação não vão sobreviver.” Até porque vários grupos já alertaram para grandes quebras na publicidade. E se agora as pessoas passam mais tempo em casa, não será sempre assim. “Não é credível que o consumo de informação que agora vemos se mantenha, mas se o jornalismo não for atrás do imediato e das visualizações poderá manter a confiança.” Contudo, não crê que passe a haver maior predisposição para pagar por informação, uma vez que “há sempre alguém que a dá gratuitamente”. “Para crescer receitas, sem ser pela publicidade, é preciso aumentar consumos em larga escala.” Como? Fazendo alianças com operadoras de telecomunicações e cadeias de distribuição. “MEO, NOS ou Vodafone poderiam propor aos clientes receberem um jornal por mais €0,50 por mês. Pode parecer uma desvalorização, mas se o jornal conseguir um milhão de clientes não é.” **M.J.B.**

### **11 Vamos assistir a uma explosão do comércio online?**

O facto de cada vez mais portugueses terem sido forçados a trabalhar, estudar e comprar a partir de casa está a mudar a sua relação com a internet, nota Alexandre Nilo da Fonseca, presidente da ACEPI — Associação da Economia Digital. Se há sectores em que, por força das circunstâncias, a atividade de comércio eletrónico está a diminuir (turismo, transportes, eventos, moda, comércio local tradicional), há outros que estão a ganhar com a crise: comércio local moderno, alimentar, saúde, equipamentos informáticos e media. Para o responsável da ACEPI, depois desta crise os portugueses vão ser mais digitais — e mais sofisticados na utilização da internet. “Vão estar mais habituados a pagamentos eletrónicos, compras online — e não apenas a pesquisar, consultar o e-mail ou ir às redes sociais, como ainda é o caso de muitos.” Já as empresas estarão mais adaptadas ao comércio online, verificando-se “um aumento da oferta portuguesa” (pela maior procura em contexto de fronteiras fechadas) e uma “melhor adaptação do comércio tradicional à

internet”. Claro que, para isso, é preciso que sobrevivam à crise — e aproveitem esse período para aprender e experimentar no digital. **M.J.B.**

## 12 As instituições políticas sairão reforçadas?

Dos escombros desta crise de saúde pública, como ficará a confiança política no Presidente da República, Governo e Assembleia da República? Pedro Magalhães, investigador e politólogo, lembra que há dois momentos a considerar: este em que vivemos, imbuídos num espírito de missão, “unidos em torno da bandeira”, conceito estudado e aplicado a momentos de crise como guerras, onde “costuma haver na opinião pública um reforço do apoio e da confiança nas autoridades”; e um segundo momento, mais distante e prolongado, quando começam a surgir “divisões”, dúvidas e as primeiras “baixas”, tal como acontece em qualquer conflito armado. Ao mesmo tempo, existem investigadores que defendem que os eleitores tendem a ser “míopes” na sua reação a fenómenos deste tipo”, culpando “as autoridades mesmo por eventos que não são da sua responsabilidade”, delapidando o capital de confiança nas instituições. “Se isso vai suceder ou não neste caso, e durante quanto tempo, é neste momento completamente incerto”, salvaguarda Pedro Magalhães. A forma como o país conseguir sair desta crise, o nível de baixas a registar e o impacto da consequente recessão económica serão determinantes para responder à questão. **M.S.C.**

## 13 A telemedicina vai ganhar espaço?

Os hospitais esvaziaram com a covid-19. As pessoas têm medo de contágio e foram instruídas a ligar para a linha SNS 24 por situações que antes as conduziriam diretamente às urgências. Mas também o trabalho administrativo dessas estruturas passou a ser feito em casa. “A relação do cidadão com o SNS, no que toca ao acesso, vai sair beneficiado por esta experiência ‘à bruta’”, analisa António Vaz Carneiro, médico e professor na Universidade de Lisboa. Para o investigador, a pandemia “vai forçar-nos a descobrir que há muitos trabalhos, nomeadamente intelectuais, que podem ser feitos fora das estruturas da saúde”. O acesso às urgências por situações não urgentes, “um fenómeno nosso e escasso no resto da Europa”, poderá diminuir se as pessoas sentirem ter “um canal fantástico que resolve 80% dos casos”, como uma otimização da linha SNS 24. Mas também no internamento e nas consultas: “Cada vez mais, a prática clínica pode ser feita longe do hospital.” Com a telemedicina, um doente com um problema de pele em Bragança pode fazer uma consulta com um hospital de Lisboa. “Ambos têm computador. O médico olha, vê a lesão e faz o diagnóstico”. **J.A.**

## 14 Vai haver um reforço do nacionalismo?

“O nacionalismo e a especulação raramente tiveram uma melhor oportunidade de combinar forças”, anunciava Yanis Varoufakis há 20 dias no “The Guardian”. “O que sabemos, por agora, é que a pandemia levou ao assumir de poderes excepcionais pelos Estados, mesmo no quadro de regimes democráticos”, diz ao Expresso Filipe Vasconcelos Romão, professor de Relações Internacionais na Universidade Autónoma e no ISCTE-IUL. “No caso da UE, esse reforço de poder fez-se pela recuperação de fronteiras ou pelo resgate de competências descentralizadas (como em Espanha). As portas ficaram abertas para um

recentrar da política na dimensão nacional.” Num artigo de opinião, o editor de assuntos internacionais do “Financial Times”, Gideon Rachman, é pessimista: “O perigo é que o renascimento do Estado-nação deslize para um nacionalismo descontrolado, levando a quebras no comércio global e ao quase abandono da cooperação internacional. Os piores cenários incluem o colapso da UE e a rutura das relações entre os EUA e a China, podendo culminar numa guerra”. **M.P.**

## 15 A União Europeia vai sobreviver?

Esta pandemia caiu como um lençol sobre a UE, abafando a atividade económica de quase todos os países por igual. Crises extraordinárias, como guerras, fluxos migratórios ou pandemias, poderiam abrir espaço para respostas ambiciosas ao nível da cooperação europeia, mas isso não está a acontecer. “A falta de solidariedade intraeuropeia tem sido uma característica desta crise, acentuada agora pela resolução do Conselho Europeu”, analisa Jorge Félix Cardoso, consultor em assuntos europeus, referindo-se aos poucos mas poderosos países que recusaram aceitar a emissão conjunta de dívida europeia (Alemanha, Áustria, Finlândia e Dinamarca). Esta Europa a vários tempos “traduz-se numa sensação de desespero dos cidadãos perante a inação” das suas instituições, admite. Mas é precisamente este clamor por mais ação europeia que mostra que ainda não está tudo perdido: “Há vontade de uma UE capaz de agir, há uma exigência por uma resposta europeia.” Se continuarmos no vácuo de respostas, os nacionalismos vão encarregar-se de tomar a dianteira do futuro da UE? “Sim, pode acontecer, sobretudo quando há manobras de propaganda da China e da Rússia, que lançam a sensação de que a UE ajuda menos do que países terceiros.” **A.F.**